

**Jorge Amado:**  
**um escritor maldito encontra a sua Lisboa, cidade proibida, cidade imaginada**  
**Jorge Amado: a cursed writer finds your own Lisbon, forbidden city, imagined city**

MÁRCIA RIOS DA SILVA<sup>1</sup>

**Resumo:** Este trabalho apresenta algumas reflexões sobre a presença do escritor Jorge Amado em Portugal, tomando por norte *Navegação de cabotagem* (1994). Neste livro de memórias, Amado relata uma série de acontecimentos em seu convívio com intelectuais, artistas e escritores portugueses e em sua relação com a cidade de Lisboa, a qual foi marcada, inicialmente, pela proibição de entrada, ao escritor comunista, nesse país. São comentados neste artigo relatos que trazem imagens e representações enaltecidas da cultura e do povo portugueses. Tais representações expõem um contexto político duramente afetado pelo Estado Novo, quando o governo de Oliveira Salazar disseminou um discurso de «portugalidade», estendendo-o às suas colônias ultramarinas, como forma de controle do pensamento crítico ao regime ditatorial.

**Palavras-chave:** Literatura amadiana; Portugal; representações; Estado Novo.

**Abstract:** This work presents some reflections on writer Jorge Amado in Portugal, taking by north *Navegação de cabotagem* (1994). In this memoir, Amado reports a series of events in his interaction with Portuguese intellectuals, artists and writers and in his relationship with the city of Lisbon, which was initially marked by the prohibition of the communist writer entering this country. Reports are commented in this article that bring images and representations that are important to the culture and the people Portuguese. Such representations expose a political context hard affected by Estado Novo, when the government of Oliveira Salazar disseminated a «Portugality» discourse, extending it to its ultramarine colonies, as a way of controlling critical thinking of the dictatorial regime.

**Keywords:** Amadian literature; Portugal; Representations; Estado Novo.

---

<sup>1</sup> Universidade do Estado da Bahia, Brasil. ORCID ID: <https://orcid.org/0000-0002-7024-7434>.

Em seu livro de memórias *Navegação de cabotagem*, publicado em 1992, o escritor Jorge Amado evoca alguns acontecimentos que viveu em Portugal, em momentos e décadas distintos, nos quais tece breves comentários sobre seu convívio com a comunidade portuguesa de intelectuais, políticos, militantes, artistas e escritores e sobre sua relação com a cidade de Lisboa, como experiências altamente significativas em sua vida. Nos relatos, apresentam-se imagens e representações enaltecidas do povo português, em um contexto político duramente afetado pelo Estado Novo salazarista, do qual o escritor comunista recebera um veto à sua entrada em Portugal. Para tecer algumas considerações sobre tais relatos, importa contemplar aqui o projeto de Estado-nação do regime salazarista, que encampou e disseminou o discurso da «portugalidade» (Sousa, 2017). Tal projeto custou a Oliveira Salazar um forte rechaço dos seus opositores, devido aos valores ideológicos veiculados e à imposição às colônias de Portugal — exploradas e marcadas pela diversidade cultural — de um sentimento de pertença à nação portuguesa.

O discurso da portugalidade, a sustentar o imperialismo de uma nação, assentava nos nacionalismos do século XIX, calcado na noção essencialista de identidade nacional, e cobrava

adesão incondicional ao salazarismo. Segundo Benedict Anderson, nesse conceito político de nação estão assimilados sistemas culturais anteriores, alimentando a suposta pureza de um povo, sua história, a língua e a raça, e uma soberania, vindo a fertilizar um imaginário nacional fechado a outras narrativas de identidade. Ao analisar a formação dos Estados nacionais, Anderson (1989) afirma que as nações são entidades constituídas pela memória e pela História, embasadas pelo processo de identificação coletiva, e postula que são como «comunidades imaginadas». A nação, segundo este autor, é «uma comunidade política imaginada e imaginada como implicitamente limitada e soberana» (Anderson, 1989: 14). É «*imaginada* porque nem mesmo os membros das menores nações jamais conhecerão a maioria de seus compatriotas, nem os encontrarão, nem sequer ouvirão falar deles, embora na mente de cada um esteja viva a imagem de sua comunhão»<sup>2</sup> (Anderson, 1989: 14). E continua:

A nação é imaginada como *limitada*, porque até mesmo a maior delas, que abarca talvez um bilhão de seres humanos, possui fronteiras finitas, ainda que elásticas, para além das quais encontram-se outras nações. [...]. É imaginada como *soberana*, porque o conceito nasceu numa época em que o Iluminismo e a Revolução estavam destruindo a legitimidade

---

<sup>2</sup> Grifo do autor.

do reino dinástico hierárquico, divinamente instituído.<sup>3</sup> (Anderson, 1989: 15)

Assim, como produção discursiva da modernidade, as nações, segundo Anderson, constituíram-se graças às práticas culturais e administrativas dos Estados modernos, à definição de fronteiras, à escolarização e à criação de uma gramática vernácula comum, cabendo à imprensa, ao livro e ao romance um papel incontestável na disseminação do conceito de nação e de consciência nacional. Em tal processo, vão-se formulando noções ou conceitos de identidade, abstrações que buscam incorporar as particularidades de uma nação. Em relação a Portugal, no regime salazarista emerge um discurso da portugalidade (Sousa, 2017), com o intuito de marcar a soberania de um império – a nação portuguesa – sobre suas colônias.

As reflexões de Vítor de Sousa acerca das tentativas de retorno do discurso da portugalidade, na primeira década do século XXI, nos ajudam a entender o posicionamento do escritor Jorge Amado frente ao regime salazarista e a esse discurso. Segundo Sousa, há um emprego difuso do termo «portugalidade», comumente associado ao contexto do Estado

Novo salazarista, mas que não lhe é exclusivo. O autor identifica o emprego desse termo em discursos de parlamentares, em propagandas, ganhando registro, inclusive, em alguns dicionários.<sup>4</sup> Nessas definições dicionarizadas, ignora-se a historicidade de um conceito e não se consideram as forças que movem a sua produção. Nesse caso, tal conceito está ancorado em uma visão essencialista de identidade nacional, dando existência a um Estado-nação, cultivando o sentimento de pertença, de amor, de grande afeição a um país, a uma comunidade imaginária.

Para Sousa, o discurso da portugalidade circulou vigorosamente entre as décadas de 1950 e 1960 com o intuito de controlar as manifestações independentistas das colônias ultramarinas, o que se buscou inibir incorporando tais colônias como províncias de Portugal no início dos anos 1950. Trata-se, de acordo com esse autor, de um processo que foi sublinhado após a revogação, em 1951, do Ato Colonial, «em que as colônias passaram a denominar-se províncias ultramarinas e em que foi disseminado o *slogan* “Portugal do Minho a Timor”, destinado a combater os movimentos independentistas que lá emergiam,

---

<sup>3</sup> Concluindo: «[...]a nação é imaginada como comunidade porque, sem considerar a desigualdade e exploração que atualmente prevalecem em todas elas, a nação é sempre concebida como um companheirismo profundo e horizontal» (Anderson, 1989: 16). Grifos do autor.

<sup>4</sup> No *Dicionário Priberam da língua portuguesa*, por exemplo, encontrei três acepções para o termo «portugalidade»: Qualidade própria do que é português; Caráter específico da cultura ou da história de Portugal; Sentimento de amor ou de grande afeição por Portugal. Disponível em <https://www.priberam.pt/dlpo/portugalidade>.

defendendo a pertença desses territórios a Portugal» (Sousa, 2017: 288).

É com a publicação do «opúsculo Em Defesa da Portugalidade, da autoria de Alfredo Pimenta, que, pela primeira vez, alguém se debruçou de forma específica sobre a “portugalidade”, recorrendo sobre o seu significado e tipificando o conceito», destaca Sousa (2017: 288), em um alinhamento explícito ao regime salazarista. Em suas considerações, o autor pontua ainda o seguinte: «Após um hiato na sua utilização, na sequência da revolução do 25 de abril, em que se verificou um distanciamento em relação a assuntos que eram característicos do Estado Novo, o termo vai sendo reintroduzido no léxico, não fugindo no entanto ao ideário luso-tropicalista em que foi forjado» (Sousa, 2017: 287), o que, segundo Sousa, levou a equívocos:

Na sequência da revolução do 25 de abril, em resultado do corte ideológico com o regime deposto, e após um hiato na utilização do conceito «portugalidade», ele vai sendo reintroduzido no dia-a-dia dos portugueses, seja pela classe política (através de alguns discursos, a maioria dos quais com um recorte luso-tropicalista), dos profissionais de marketing ou de branding (que o utilizam em publicidades e estudos de mercado em que o foco assenta na ideia «made in Portugal», ou apelando a eventuais «particularidades» portuguesas), ou pela via de situações aleatórias, provocando vários equívocos. (Sousa, 2017: 288)

Em um contexto histórico marcado pelo forte controle do povo português, o regime salazarista veta a entrada de Jorge Amado em Portugal, a despeito de o escritor já ter estabelecido vínculos com a comunidade portuguesa de intelectuais, desde os anos 1930, e, com alguns deles, ter firmado relações afetivas, o que se ampliou depois que o Estado Novo lhe concedeu, em 1966, permissão para pisar na «terra de Camões». Em relação àquela proibição, Amado declara que «não conhecer Portugal era uma das tristezas da minha vida» (1994: 228), afirmando ainda que, «Escritor maldito, sem direito a visto de entrada, via-me limitado à sala de trânsito nas sucessivas viagens que entre 1952 e 1960 realizei à Europa» (Amado, 1994: 255).

Em *Navegação de cabotagem* (1994), um número considerável de relatos evoca episódios ou situações, em diferentes momentos da trajetória intelectual de Amado, nos dá uma dimensão da força de sua literatura e da sua atuação como militante de esquerda filiado ao Partido Comunista. Dos relatos que trazem situações vividas em Portugal, com amigos ou intelectuais portugueses, sobressaem imagens de um povo amável e de um país duramente castigado pelo salazarismo. Como porta-vozes do clamor pela democracia, intelectuais, artistas e escritores marcam um posicionamento de resistência através das críticas e de atuação diversa. Demonstram sua luta incansável no combate à ditadura, irmanados ainda com a comunidade de intelec-

tuais das colônias portuguesas do continente africano, posição que marca grande distância da moldura de portugalidade concebida pelo salazarismo.

Nesse livro de memórias, Amado expõe a sua avaliação acerca do colonialismo de Salazar ao comentar a criação, no governo de Jânio Quadros, do Instituto Afro-Asiático, em 1961, o que é tido pelo escritor como um dos principais sustentáculos da política externa do Brasil:

O Instituto Afro-Asiático significou também o abandono do apoio do governo brasileiro, irrestrito, a Salazar e à ação colonialista do governo português, o reconhecimento da guerra de libertação travada em Angola, Moçambique, Guiné-Bissau. Pela primeira vez órgão oficial do governo brasileiro ousou contestar o colonialismo lusitano. (Amado, 1994: 152)

Em outro relato feito pelo escritor, tem-se igualmente a imagem de uma nação portuguesa combativa, com os seus intelectuais, no enfrentamento ao salazarismo. Em 1953, em seu exílio na Europa, Amado retorna de Moscou, via Estocolmo, em um voo que fez escala no aeroporto de Lisboa. Impedido de sair desse recinto, o escritor português Ferreira de Castro vai ao seu encontro, já agendado por Amado antes da viagem. Para surpresa e alegria desse jovem escritor, também se fizeram presentes, além de Ferreira de Castro, outros escritores portugueses, dentre eles Maria Lamas e Alves Redol, e na sala de trânsito do aeroporto se reuniram para jantar, tendo à espreita um inspetor da Po-

lícia Internacional e de Defesa do Estado (PIDE), além de um batalhão de fotógrafos, também a mando desse órgão.

Na década de 1950, Jorge Amado já havia conquistado uma visibilidade expressiva nos círculos intelectuais de esquerda no exterior. Ressalte-se que, desde 1930, seus romances eram lidos em Portugal, e Ferreira de Castro, ainda nessa década, publicara uma resenha crítica do romance *Cacau* em um jornal português (Bergamo, 2014). Em *Navegação de cabotagem*, o escritor brasileiro declara ter sido aquele encontro o prêmio maior que recebera, «a prova de amizade, de solidariedade, em uma ação de luta contra o salazarismo no apogeu» (Amado, 1994: 254-255).

Em outro apontamento desse livro de memórias, identificado com o subtítulo «Lisboa, 1957 — A cidade proibida», Amado descreve com rara beleza o primeiro «encontro» que tivera com a cidade de Lisboa, a qual, até então, só conhecia pelas narrativas de Eça de Queirós ou da janela dos aviões, quando aterravam, durante a qual via os telhados das casas lisboetas. Nesse ano, em uma viagem de volta ao Rio de Janeiro, o escritor inicia seu voo no aeroporto de Copenhague, com escalas em Zurique, Lisboa, Dakar e Recife. Quando o avião da companhia SAS «começa a descer», afirma Amado: «conheço os telhados de Lisboa». Durante a escala, reduzido à sala de trânsito, «sonhava com as ruas, as ladeiras, os cafés, fanático de Eça de Queirós, por ele sabia da

cidade» (Amado, 1994: 618). Em decorrência de uma greve programada pelos pilotos daquela companhia aérea, os passageiros tiveram que permanecer na cidade, com vistos no passaporte por 24 horas, sendo conduzidos a um hotel no centro de Lisboa, até a hora da viagem para seus destinos no dia seguinte.

Amado vai ao encontro dessa cidade, antes imaginada por força da literatura de Eça de Queirós. Afirma: «eu tinha finalmente Lisboa ao meu alcance pelo tempo limitado daquela noite, a cidade sonhada e proibida, ia percorrê-la, andar nas ruas» (Amado, 1994: 618). Assim, na recepção do hotel, o escritor pede informações sobre o bairro do Rossio, saindo em sua direção, em uma noite de frio, seguido, desde o aeroporto, por um agente policial, sempre à sua espreita, e que mantinha fechada a «gola da gabardina» para disfarçar a sua missão e não ter o seu rosto identificado. Cito o autor:

Noite sem história. Eu andava lentamente, tentando receber tudo quanto Lisboa tinha a me dar: os perfumes, as cores, os ruídos, casas, rostos, vozes, risos, tanta coisa. Meu coração pulsava acelerado e eu decerto sorria, os olhos húmidos pois palmilhava as calçadas de Lisboa. Parava em frente às montras, fitava as pessoas, lia tabuletas, nomes de travessas, de tascas, de cafés. (Amado, 1994: 619)

Dispensando, ainda no hotel, a companhia dos demais passageiros do voo, Jorge Amado prefere «a noite perfumada e friorenta de Lisboa,

as ruas calmas, algumas desertas, aquele encontro de amor» (Amado, 1994: 619). O escritor vai ao encontro da cidade proibida, e imaginada, guiado pelas descrições feitas por Eça de Queirós em suas narrativas, com foco, em especial, no centro político, financeiro e cultural da época. Nos romances desse escritor português, ganham destaque o Cais do Sodré, no qual ficava o antigo Hotel Central, onde se hospedara o primo Basílio, e a velha Rua de São Francisco, cenário de *Os Maias*. Estão presentes em sua prosa a praça D. Pedro IV, no Rossio, e a famosa rua Garrett, no Chiado, com o café A Brasileira e a tabacaria Havanera. O famoso Teatro de São Carlos, local de encontro dos personagens dos seus romances, é também cenário. Encontra-se ainda em sua prosa ficcional um palacete do século XVIII onde o escritor morou, à Rua das Janelas Verdes, o qual teria inspirado a criação da residência Ramalhete d'*Os Maias*. Tais logradouros e lugares foram, inclusive, incluídos na rota do turismo na capital.

Assim, como um andarilho que perambula por essa rota, Amado chega à Praça do Comércio, retorna ao Rossio, seguido sempre pelos passos do agente policial, tomando o destino para os bairros de Alfama e Mouraria nas terras do além-mar. O escritor encerra o relato, no qual se mostra encantado com esse encontro, possível por força do «acaso». Declara seu amor à cidade de Lisboa, um sentimento que se estende à nação portuguesa:



Assim decorreu aquela noite quando o acaso decretou a greve dos tripulantes da SAS para que as portas da cidade me fossem abertas e eu pudesse sentir a atmosfera, o hálito, entrever a beleza, tocar o mistério e a vida de Lisboa. Com a mesma emoção com que se toca pela primeira vez corpo de mulher desejada e proibida. (Amado, 1994: 620)

Essa primeira experiência do escritor terá, sem dúvida, um significado especial. Aí são forjadas novas imagens de uma cidade, a proibida, atravessadas pelo encantamento e pela aura de mistério, ampliando, assim, as primeiras imagens que lhe deram as leituras dos romances de Eça de Queirós, bem como aquelas elaboradas quando da aterrissagem dos aviões sobrevoando os telhados das casas de Lisboa.

Em 1966, outro acontecimento relatado em *Navegação de cabotagem* se torna singular, quando o escritor chega de navio a Lisboa. Dessa vez, tem o direito, concedido pelo governo salazarista, de desembarcar, por interferência da adida cultural de Portugal no Brasil e de Odylo Costa, adido cultural do Brasil em Portugal. Há, no entanto, uma restrição: são proibidas notícias na imprensa, devendo manter-se no anonimato. Contudo, para Amado, o que lhe interessava era «Portugal, o país e o povo». De Lisboa, segue para a cidade de Porto, para ele uma viagem inesquecível»

(Amado, 1994: 391). Nesse mesmo ano, dois meses depois, Amado e sua companheira Zélia Gattai estão em Lisboa. Desta vez, o português Francisco Lyon de Castro, editor de seus livros, ignorando a restrição imposta pelo governo à divulgação na imprensa da chegada do escritor, coloca anúncio nos jornais convocando os leitores para uma tarde de autógrafos. Em tal encontro, quando o romance *Gabriela, cravo e canela* já havia sido editado em Portugal em 1960, Amado vive uma experiência extraordinária de recepção de público: «Foi o fim do mundo, [...] perdi a conta, assinei horas e horas», confessa o escritor:

Havia quem trouxesse malas repletas de livros, todos proibidos, comprados por baixo do pano, lidos nos esconços das prisões, no campo do Tarrafal<sup>5</sup>. Cada qual tinha uma história para contar, me lembro de um camarada que havia lido Capitães da areia transcrito em pequenos pedaços de papel, passados de cela em cela. Fui acarinhado, ouvi loas que não eram loas e, sim, ternura, beijaram-me a face e me disseram amigo, companheiro. Se emoção matasse, eu teria morrido naquela sessão de autógrafos em Lisboa. (Amado, 1994: 392)

Os romances amadianos foram alvo de uma censura ostensiva exercida pela ditadura de Salazar, que se faz notória em um parecer emitido por um dos censores da PIDE acerca

==

<sup>5</sup> Tarrafal foi um campo de prisioneiros em Cabo Verde que funcionou entre 1936 e 1974. Aí eram enclausurados os opositores ao regime salazarista, não só os portugueses como os dissidentes dos países africanos que reivindicavam a libertação do jugo português.

de *Dona Flor e seus dois maridos* (Queiroga, 2019). Nesse parecer, o romance é considerado de «índole muito maliciosa», por «algumas cenas pouco edificantes, senão imorais». Entretanto, o censor sublinha a «beleza da prosa e a delicadeza com que são apresentadas as brejeirices», o que o levou a autorizar a sua publicação, aliado ao fato de ser um livro «volumoso e caro», acessível apenas aos adultos, conclui o parecer (Queiroga, 2019).

Com a permissão do governo salazarista, suas viagens a Portugal se tornam frequentes, e não se limitam mais a Lisboa. Nessa cidade, Amado foi hóspede do Hotel Tivoli por mais de 20 anos, onde encontrou o conforto e o calor humano de uma pensão familiar (Amado, 1994: 237). Amado declara que sua estada em Lisboa ou em Luanda o faz se sentir na Bahia: «Lisboa é uma das faces da Bahia» (Amado, 1994: 212). O escritor expande seu trânsito por Portugal ao sair da Lisboa de Eça de Queirós em direção a outras regiões do país, exaltando em seus relatos as particularidades de cada uma delas.

Em uma viagem a esse país em 1974, ano da Revolução dos Cravos, Amado entra de carro por Elvas, na região do Alentejo. Declara o seu encanto pelo lugar: «Amo por demais essa parte de Portugal, é verão, as casas, as flores, o povo, — numa dessas aldeias, na de Grândola, nasceu a canção da vila morena, sinal para o levante dos cravos» (Amado, 1994: 109).

Nesse mesmo relato, Amado expõe o dissabor que experimentara na viagem quando se viu frente a um forte controle na fronteira para a entrada nesse país:

Na fronteira a polícia fardada nos interrogara, pretendia abrir todos os volumes, nem em tempos de Salazar tal absurdo acontecera. Perco a paciência, puto da vida faço o maior esporro, e quando o alferes me pergunta o que contém o caixão que ele pensa termos escondido no interior do carro, respondo: contém munição, se quer saber, armas, bombas. Por sorte um capitão atende aos meus berros, leitor de *Gabriela* pede autógrafo, libera carro, livros, passageiros. (Amado, 1994: 109)

Em tais viagens, o escritor tem a oportunidade de conhecer a riqueza da gastronomia portuguesa, dando destaque à de algumas regiões, como a de Viana do Castelo. Ressalta os requintes da doçaria portuguesa (Amado, 1994: 220), tecendo loas a um país que homenageia e premia seus confeitores e pasteleiros, o que, para o escritor, é um modo de ser português. Tendo se tornado um grande apreciador da culinária portuguesa, Amado assegurou durante anos o envio, feito por amigos, de iguarias de Portugal. Como retribuição, nomeava personagens de seus romances inspirado em amigos portugueses.

Ganham também destaque em *Navegação de cabotagem* os vínculos intelectuais e de amizade com políticos, escritores e artistas portugueses, conforme relatos sobre situações



relacionadas à vida literária e cultural de Lisboa.<sup>6</sup> Para Jorge Amado, Portugal é, sobretudo, sua música, sua literatura, seus poetas e escritores. A música tem um lugar especial, particularmente o fado tradicional, não o moderno, ressalta: o «de Amália, o de Hermínia e Carlos do Carmo» (Amado, 1994: 550). De origem remota e difusa, esse ritmo musical se torna um símbolo de identidade nacional portuguesa, largamente explorado pelo discurso da portugalidade produzido pelo Estado Novo.

Assim, por diferentes motivos e situações, Amado faz desfilar em seu livro de memórias uma série de escritores portugueses, de épocas distintas, incluindo-se aí seus prediletos. O escritor recorda a beleza da *performance* da atriz Maria de Jesus Barroso, a «declamar grandes vates portugueses: Camilo Peçanha, Mário de Sá-Carneiro, José Régio, Fernando Pessoa. Isenta de qualquer grandiloquência, a atriz vive cada estrofe, nos envolve em poesia, límpida nascente de emoção» (Amado, 1994: 66). Esse romancista lamenta o fato de Ferreira de Castro e Miguel Torga não terem recebido o Prêmio Nobel, como também muito o entristece a morte do jornalista e crítico literário

Álvaro Salema, ocorrida em 1991: «A partir de agora Portugal será menos ensolarado, menos alegre, menos fraterno» (Amado, 1994: 39).

Ao ressaltar os valores da cultura portuguesa, o que é «próprio» daquela nação, Amado deixa marcado que não está endossando o discurso da portugalidade, que levou à produção de um imaginário nacional fortemente alimentado por uma visão essencialista de identidade, com fins de preservar o imperialismo português. Ao contrário, o autor de *Gabriela, cravo e canela* é um ferrenho defensor da democracia contra os totalitarismos. Daí exaltar o combate levado a termo pelos portugueses dissidentes, exaltando a resistência deles, o heroísmo, como o do anarquista Tomás da Fonseca, «prosador “ilustre”, em Portugal, mais do que ilustre, uma lenda viva, símbolo da resistência ao fascismo, da audácia do pensamento livre: o sonho da sociedade sem fronteiras de qualquer espécie» (Amado, 1994: 278). Nas páginas do livro, Jorge Amado evoca em suas lembranças a visita que lhe fizera em 1954, no Rio de Janeiro, esse anarquista, já um ancião com grandes barbas brancas. Nesse dia, o escritor assiste ao encontro desse líder com a

---

<sup>6</sup> Confirmam os fortes laços do escritor com a comunidade portuguesa as homenagens que lhe foram feitas, a propósito do centenário do seu nascimento, no *Colóquio Internacional 100 anos de Jorge Amado. O escritor, Portugal e o Neorealismo*, em Portugal, em 2012. Organizado pelo Grupo de Investigação 6 do Centro de Literaturas e Culturas Lusófonas e Europeias (CLEPUL) da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, e com uma participação expressiva de investigadores da literatura amadiana, de diferentes nacionalidades, esse evento realizou-se em parceria com o Museu do Neo-Realismo (Vila Franca de Xira), o Centro de Literatura Portuguesa (CLP) da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra e o Centro de Investigação Transdisciplinar Cultura, Espaço e Memória (CITCEM) da Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Desse encontro, resultou uma publicação dos trabalhos apresentados, organizada por Vânia Pinheiro Chaves e Patrícia Monteiro (2015), em livre acesso no Repositório da Universidade de Lisboa (<https://repositorio.ul.pt/handle/10451/28697?locale=en>).

anarquista Dona Angelina, grande admiradora de Tomás da Fonseca e mãe de Zélia Gattai, os quais conversam sobre um «mundo liberto das injustiças e dos preconceitos, nem o poder do Estado, nem a lei fosse qual fosse» (Amado, 1994: 278).

Em um dos relatos de *Navegação de cabotagem*, intitulado «Rio de Janeiro, 1946 – Anti-salazarismo», o escritor rememora o dia em que, nesse ano e nessa cidade, subira na tribuna da Assembleia Nacional Constituinte como deputado federal, lera e comentara a carta de dois jovens portugueses, os quais Amado viera a conhecer pessoalmente mais de vinte anos depois: José Rabaça e António Alçada Batista: «Escrevem-me dois jovens, declaram-se meus leitores, leituras clandestinas, pois os livros de minha autoria são proibidos na metrópole e nas colônias portuguesas» (Amado, 1994: 166). Em tal carta, um «depoimento comovente», afirma o escritor, os jovens denunciam, em um brado anti-salazarista, a «opressão reinante» do Estado Novo português.

Ao evocar esses acontecimentos em *Navegação de cabotagem*, vividos em diferentes períodos, Amado nos dá uma dimensão da experiência de combate ao Estado Novo, que, impondo a narrativa da portugalidade, cerceava a liberdade de expressão, clamada em diferentes cantos de Portugal. As diversas manifestações

de resistência que ocorreram durante décadas ao longo do regime salazarista sinalizavam desejo de mudanças, como contranarrativas potentes que culminaram com a Revolução dos Cravos. Nessa luta, Jorge Amado também escreveu uma história, tocado pelo canto da vila morena, vindo da vila de Grândola, ecoando por Lisboa. Antes proibida, imaginada, Lisboa passou a ser vivida e narrada pelo escritor baiano, tornando-a sua amada.

## Bibliografia

### Impressa

Amado, J. (1994). *Navegação de cabotagem* (3.<sup>a</sup> ed.). Record. São Paulo;

Anderson, B. (1989). *Nação e consciência nacional* (Trad. de L. L. de Oliveira). Ática. São Paulo;

Sousa, V. de (2017). O Estado Novo, a cunhagem da palavra «portugalidade» e as tentativas da sua reabilitação na atualidade. *Estudos em Comunicação*, **25** (1): 287-312.

### Digital

Bergamo, E. A. (2014). A nova descoberta do Brasil: A recepção crítica da obra de Jorge Amado na imprensa periódica neo-realista portuguesa. *Amerika: Memories, Identités, Territoires*, **10**. Acedido a 1 de julho de 2020, em: <https://amerika.revues.org/4552>;

Queiroga, L. (2019, 16 de janeiro). O censor salazarista que se encantou por «Dona Flor e seus dois maridos», de Jorge Amado. *O Globo*. Acedido a 20 de julho de 2020, em: <https://oglobo.globo.com/cultura/o-censor-salazarista-que-se-encantou-por-dona-flor-seus-dois-maridos-de-jorge-amado-23377274>.